

## LUZES DA CIDADE

Gabriel Agostinho Piazzentin<sup>5</sup>

Um casal. Um restaurante no centro da cidade. Tantos anos de namoro que já se tornaram um incômodo. Era necessário fazer algo. Os dois querem, mas ela espera que ele tome a iniciativa. Deve acontecer a qualquer momento. Talvez naquele ano, naquele mês. Não que naquele dia. Mas quem sabe? Convidando assim, para um almoço. Nem era feriado nem data comemorativa. Faz um dia bonito lá fora. Dentro, o ar condicionado gela o cardápio acima das mesas. Era por volta de uma da tarde quando fizeram o pedido: ela, um salmão e ele, um bife *au poivre*.

Papo vai e vem. A zona de conforto do casal vinha sendo uma corda bamba. Se pender para um lado, vira monotonia. Se pende para o outro, vira sufoco. Por sorte eles se dão bem desde sempre. Mesmo que algo incomodasse, não custava nada um dizer ao outro o que era - menos o passo adiante, isso era implícito que ninguém queria de fato cutucar. Ele valoriza isso na namorada, a sinceridade. Considera uma atitude bem madura e procura se manter no mesmo nível, sem ser um criança que discute por qualquer coisinha.

O casal aprendeu muito no tempo que estava junto. A morte da mãe dele, a cirurgia delicada dela, tinha quebrado a perna numa viagem que fizeram (total desastre, estragou as férias daquele ano. Mas faz parte da vida a dois). E agora estão ali, de mãos dadas, um com o semi-sorriso ao outro pelo simples prazer da companhia. Com tanta gente no mundo, eles se encontraram. Quais eram as possibilidades, diante de tantas combinações? Poderia ser com outra pessoa, mas não. Deram uma chance ao outro. E a vida aconteceu.

Aconteceria de qualquer jeito. O que muda é a forma. Eles poderiam já ter filhos - se fosse noutro relacionamento. Poderiam estar mortos. Ou poderiam estar mais felizes, mais tristes. Se os pais deles tivessem resolvido se relacionar com outras pessoas, eles não estariam ali (quem é que sabe, afinal?). Nem isso importa. Esse tipo de pensamento, o “mas e se?”, quando relacionado ao passado, vem de gente insegura. O que não era o caso ali. A expectativa do que ainda estava por vir era o que dominava os dois.

Até que chegam os pratos.

E os espumantes.

---

<sup>5</sup> Unicamp; e-mail: gabrielpiazzentin@gmail.com.

Ocupam-se com a refeição, linda, do tipo que se come com a vista e que dá dó de meter a faca. Não havia escolha.

Durante o processo de destruir aquelas artes gastronômicas, ele limpa a boca, se ajeita na cadeira. Bebe um gole do espumante. Pega algo no bolso da calça. Uma caixinha. “Ai, é agora”, pensa a namorada, batimentos em crescente aceleração.

Ele se ajoelha.

Ela leva as mãos ao rosto. Os olhos se enchem de lágrimas. O resto de comida esfria.

As pessoas nas mesas ao redor se cutucam e apontam. Uns pegam os celulares para filmar.

Uma moça numa mesa próxima comenta ao acompanhante, sem tirar os olhos do homem ajoelhado: “eu nunca vi isso pessoalmente”.

Do lado de fora do restaurante, um homem vive.

Esqueçamos o casal.

Esse homem não tem nome. Deviam ter dado a ele quando nasceu, mas não se lembra. Não importa. Nem RG e CPF. Idade é um número que se foi há tempos. É só um corpo que se move sobre a terra enquanto ainda tem vida. Algumas vidas cumprem apenas o propósito de existir.

Ele não espera na porta do restaurante como se pedisse que alguém lhe desse de comer. É mera coincidência. Ele apenas está ali. Até que atravessa a rua. Ao longo da vida, o sol e a lua eram seus maiores parceiros. A cidade é dele.

As pessoas às vezes se afastam dele, como se fosse cometer algum mal. A bem da verdade, ele quase nem repara que existem pessoas ao redor. Aprendeu a tomar cuidado com automóveis e isso bastava. De resto, ele vive por natureza. Não existe espaço para maiores questionamentos. Nem para pequenices burguesas, como rinite, diabetes, gastrite, o nariz que sangra no tempo seco. Estar de pé é a vitória do dia. E os dias cobram um preço muito alto pela sobrevivência.

Tem vezes que ele revira o lixo. Essa é a vantagem de se morar numa cidade grande: a produção de lixo é enorme. Tem vezes que deixam comida pra ele, penduradas em sacolas nos portões das casas. Outra vantagem é que quanto maior a população, mais chances de encontrar atitudes caridosas. O oposto, de lidar com todo tipo de gente ruim, também é real.

Não é de brigar com os outros que têm o mesmo instinto selvagem que ele. Já apanhou. Nem uma nem duas vezes. Mas segue como pode, mesmo com o cabelo desgrenhado e faltando alguns dentes. O braço dói há tanto tempo que nem lembra quanto. O incômodo já é parte dele.

Bebida não conforta nada. Faz esquecer alguma dor ou outra, mas amanhã continua sendo mais um dia, indiferente quanto às cobranças diárias. Álcool é só mais uma fugacidade. O crack também.

O problema são os dias de chuva. Sorte de estar num país de clima quente (não importa saber qual é, nem a cidade). O inverno não é de machucar tanto. Vai da sorte de encontrar abrigo do vento. Mas a chuva, quando pega, molha inclusive de baixo para cima. Aí é uma frustração.

O centro tem uma grande concentração de pessoas, mas nos bairros de periferia é que elas se mostram mais dispostas a ajudar. Daí que ele é um pêndulo urbano. Uma hora está num canto, noutra se abriga em viaduto em bairro distante. Ficar parado que é perigoso. Andar demanda disposição, mas se não andar...

Apesar disso, ele gosta do pôr do sol. De ver a bola laranja mergulhando no horizonte. Já acompanhou isso em diversos pontos da cidade. Conhece os lugares mais altos, onde se tem uma visão melhor. A poesia se dá quando existe um banho de cores no céu, manchado de azul, verde, amarelo, laranja e roxo. É uma arte que acontece todos os dias, para todas as pessoas, que nem sempre têm o privilégio de distanciar a vista da tela de um computador ou celular.

Quando o anoitecer é bonito, ele se senta, cruza as pernas e respira fundo enquanto aprecia a obra. A vida é tão curta. Vai saber quantos outros poentes assim, coloridos, ele ainda consegue ver até que chegue a hora de não ver mais nada. Então, enquanto pode, aproveita.

Um cachorro se aproxima, com as orelhas caídas, e olha o homem com curiosidade. Ele estica o braço para fazer carinho. O cachorro fareja a mão e se afasta.

Esqueçamos o homem.

O cachorro segue o caminho na busca de algo para comer. O descampado alto, onde deixou o homem para trás, vendo o pôr do sol, não parecia ter muitas oportunidades para ele. Por um lado, o pior: estava anoitecendo. Por outro, melhor: é a hora em que colocam lixo nas ruas, à espera dos caminhões.

Ele não tem vergonha alguma para revirar os restos dos outros. Não seria até mais aceitável um bicho mexer no lixo do que uma figura humana? (Imagine que decadência a sociedade chegar a esse ponto! Já ao cachorro, não lhe cabe mesmo comprometimento).

Com meses de vida foi deixado à própria sorte, isso há uns três anos, o que faz daquele cachorro de porte médio praticamente um senhor. Já teve família, mas por alguma razão foi abandonado. Ou esquecido. Nunca soube direito o que aconteceu.

Isso não importa agora. A sobrevivência fala mais alto.

Ele observa que muitos sacos pretos são deixados numa rua não muito distante, saindo de um alto condomínio. Vantagem. Aguarda apenas a empregada do prédio se afastar para ver o que é possível tirar do banquete.

É uma pena todos os sacos estarem bem fechados. Mas isso não impede ele de tentar uma abordagem mais incisiva. Enquanto fareja em busca de alguma brecha, outros dois cachorros aparecem na esquina, a poucos metros de onde o lixo havia sido depositado.

Os outros dois observam com atenção aquela cena. O cachorro se volta à dupla. Tenta rosnar e mostrar os dentes, mas sabe que é uma luta inglória. Está em menor quantidade e faminto demais até para posar de detentor da preciosidade. Desajeitado, afastou-se, ainda rosnando, cada vez mais baixinho. Deu lugar aos outros dois. Não vale a pena. Tomada alguma distância, já com eles entretidos nos sacos pretos, dá as costas e toma rumo.

É esquisito ser um cachorro de rua. As pessoas ao mesmo tempo olham com pena mas também não querem fazer muito pelos bichos. Alguns são companhias de outros andarilhos. Talvez exista aí, no nosso cachorro, um trauma de humanos por causa do suposto abandono quando filhote. É algo que nunca vai entender.

Tem crianças que olham para ele e até se aproximam. Algumas apenas esticam a mão para fazer carinho e são repreendidas pelas mães: “não, deixa ele. Passa!” O cachorro ainda consegue notar a cara da criança se fechando, enquanto não encontra alternativa senão partir.

Água é fácil, qualquer poça serve. Comida é mais complicado. Por sorte ainda existem rejeitos - até de mendigos que largam marmitas por aí. E os dias seguem.

Numa virada de esquina, outro depósito de lixo residencial alcança as vistas do cachorro. Os sacos são deixados pelo chão mesmo, para facilitar o trabalho dos lixeiros dali a algum tempo.

Ele mete os dentes no que parecia ser um nó fraco e consegue abrir um dos sacos. Ao colocar o focinho, se corta com uma tampa de lata de sardinha. O corte abre a lateral do focinho. Mesmo prejudicado e ganindo de dor, não tem tempo para preocupação. Ali está o que poderia mantê-lo vivo por mais algumas horas, ou dias, apesar da dor. Era necessário continuar. Por sorte, alguém errou o ponto da peça de carne, que considerou crua demais, e jogou um bom naco direto no lixo. Ali o animal encontrou felicidade.

Próximo a ele, passa uma mãe de mãos dadas com uma criança. O filho olha e diz “auau”, no que a mãe o puxa pela mão, sem permitir que se aproxime do cachorro e do lixo. Sem querer, nesse processo, ele chuta uma pedra.

Esqueçamos o cachorro.

A pedra percorre alguns poucos metros pela calçada, rola pela rua e cai num bueiro.